

Palestra do Guia Pathwork® nº 090
Palestra Não Editada
13 de outubro de 1961

MORALIZAÇÃO – REAÇÕES DESPROPORCIONAIS – NECESSIDADES

Saudações, meus caríssimos amigos. Deus abençoe a todos. Bendita seja esta hora.

Em nosso último encontro tratei da importância de tomar ciência das próprias emoções. Falei sobre o desprezo da humanidade pelo desenvolvimento emocional. Esta noite gostaria de discutir alguns aspectos importantes que podem esperar encontrar, depois que permitirem que as emoções atinjam a percepção superficial. Em geral elas predominam e todo ser humano em algum grau, tem todas elas.

Depois que a repressão é interrompida, o que encontrarão não são apenas emoções negativas pessoais e definidas, tais como hostilidade, ressentimento, agressividade, inveja, etc., mas além desses sentimentos negativo descobrirão alguns estados doentios reinantes na psique. É importante reconhecer a existência desses estados, o que eles significam em termos de realidade e maturidade e como eles engendram as emoções negativas das quais consciente ou inconscientemente, se sentem tão culpados.

Portanto, vamos falar sobre três desses estados. O primeiro que quero abordar é a tendência a moralizar – com vocês mesmos, portanto também com os outros. Muitas vezes essa moralização absolutamente não aparece externamente. De fato, no exterior exatamente o contrário pode ser verdade. Mas por dentro ela existe até certo ponto, em todos os seres humanos. Já discutimos esse aspecto, no passado com relação à Imagem Idealizada do Eu, às exigências e expectativas exageradas que têm de si mesmos – portanto dos outros, aos padrões rígidos que acham que deveriam obedecer. Mas não discutimos esse assunto do ponto de vista da moralização. Pois se esperam de si mesmos padrões impossíveis de perfeição, a moralização é a consequência necessária. Também quero mostrar como essa moralização sufoca o espírito vivo do bom e do verdadeiro ao qual vocês aspiram, como ela os faz pessoas arrogantes e intolerantes, como impede a humildade e a autoaceitação, portanto, o amor próprio. Sem isso é impossível ter respeito por si mesmo.

Tudo isso pode ser encontrado nas suas emoções. Uma coisa é saber e entender essas teorias, outra coisa totalmente diferente é viver e sentir esse estado dentro de si. Somente o trabalho de exploração das profundezas das emoções e a noção clara de sua importância permitirá mudar esses estados doentios que são tão prejudiciais. Esse aspecto de moralização pode existir em muitas formas veladas, mesmo nas pessoas que externamente parecem se revoltar tanto contra todas as leis e normas moralizantes.

Muitos dos meus amigos já se depararam naturalmente com essa tendência no trabalho recente e no progresso subsequente. A despeito das palavras usadas para designar esse aspecto, o fato de encontrarem esse elemento é uma prova cabal do progresso feito. Como alguns de vocês já se depararam com esse aspecto ou estão prestes a fazê-lo abordarei este tema com mais detalhes e mostrarei ligações que vocês não teriam entendido sem esse progresso no trabalho. Isso também se aplica aos outros dois aspectos que abordarei esta noite.

Qual o significado da moralização? De imediato poderiam dizer “Mas que mal há nisso? Não aprendemos dessa forma a distinguir o bom e certo, não apenas em religião, mas em todas as filosofias, a importância da bondade, da decência, da integridade? Não deveríamos seguir essas normas? Não precisamos delas? Sem elas, talvez não fôssemos pessoas tão boas.” É verdade, como eu já disse tantas vezes que a humanidade ainda é muito subdesenvolvida para viver sem leis exteriores. Quando se trata de conduta e atos, essas leis servem de proteção e representam uma necessidade. Mas é totalmente diferente esperar que estejam totalmente livres de impulsos e emoções negativas e que rejeitem a si mesmos por isso. Essa não aceitação de si mesmos como ainda são leva a esconder aquilo que não aprovam. E sempre que a crise traz esse aspecto para fora, vocês assumem uma atitude severa, rígida, moralizante consigo mesmos. Uma coisa é saber que algo está longe da perfeição. Outra coisa é proibir-se de sentir aquilo que não se pode evitar sentir naquele momento e depois deixar de gostar de tudo que se é – o que acontece com tanta, tanta frequência – mesmo que não tenham consciência disso.

Enquanto a sua conduta “certa” for motivada por moralização rígida, com base no “bom ou mau”, a bondade ou integridade de vocês não é autêntica. Ela não deriva do entendimento natural e do crescimento interior, mas deriva do medo que têm de si mesmos, de sua imperfeição. Portanto, essa “bondade” é falsa, não convence nem a vocês nem aos outros. É uma compulsão. E vocês não podem estar na realidade, pois a realidade não pode ser avaliada em termos de bom ou mau. Quando se deixa de lado as questões muito flagrantes, as fronteiras são sutis, tênues, impossíveis de ser traçadas pelo juízo apressado em termos de bom ou mau. A verdade só pode ser encontrada no seu âmago e não nas leis e normas rígidas que tomam emprestado porque sondar a própria alma os deixa muito inseguros. Em vez disso adotam essas normas que já estão prontas e no momento em que fazem isso, passam a moralizar.

Qualquer tipo de bondade resultante desse estado é sempre uma imitação pálida e superficial do real. É só por serem inseguros demais para confiar em si mesmos que acham que precisam se guiar por normas e regulamentos. E como fazem isso, não conseguem perder a insegurança, ao contrário, ficam cada vez mais inseguros. Isso acontece porque as normas e regulamentos, na maioria são tão inadequados que não sobra nada em que possam se apoiar. E aí está criado outro círculo vicioso.

Em outras palavras, para confiar em si mesmos precisam tomar emprestada uma rígida estrutura de moralidade como forma de proteção contra os instintos indomados. A alternativa não é ou viver de acordo com esses impulsos indomados e destrutivos ou viver de acordo com essas rígidas normas exteriores. Na realidade, não existe alternativa nenhuma. O caminho saudável e construtivo é o crescimento interior que necessariamente os faz superar os impulsos destrutivos. Mas se isso ainda não puder ser feito pelo simples motivo que vocês ainda não se desenvolveram tanto, não é preciso manifestar esses impulsos e sim prestar atenção neles. Nesse caso verão que eles existem,

mas não cairão no erro de se verem como pessoas más, desprezíveis, perversas. Esse exagero de autoavaliação está ligado ao segundo estado que discutiremos daqui a pouco. Uma imperfeição tem o poder de matizar todo o seu autorretrato de experiência emocional. Não é um julgamento consciente e intelectual; é a sua reação emocional frente a si mesmo.

Devido a essa noção de que tudo é negro por causa de apenas alguns instintos, ou sentimentos negativos, estes despertam um medo desmedido. Quanto maior o medo dessas imperfeições, mais rígida passa a ser a estrutura moralizante. Quanto mais exigentes os padrões de perfeição da autoimagem idealizada, tanto mais rígida a superestrutura que não é a sua natureza real. A alienação de si mesmo é tanto o resultado como a origem dessa situação difícil. Rigidez, medo, insegurança, intolância – tudo isso existe devido a esse estado doentio. E muitas vezes esses sentimentos são projetados nos outros.

A autoimagem idealizada é criada não apenas para obter o amor e a aprovação dos outros (como acreditam que acontecerá), mas também serve à finalidade de os proteger de si mesmos.

Sempre que existe imaturidade e perturbação emocional, existe também de uma forma ou outra, uma superestrutura de adesão rígida às normas trazendo a moralização em sua esteira. Em muitos casos esse aspecto pode ser difícil de detectar. Também pode existir em algumas áreas isoladas e manifestar-se de formas muito indiretas, cuja detecção requer sagacidade. Meu conselho é este: não se esfalfem para encontrar esse aspecto através de um processo artificial e intelectual, mas fiquem cientes da existência dele dentro de si. Fiquem na expectativa de encontrá-lo em algum momento – e o trabalho os levará, mais cedo ou mais tarde, a encontrar esse estado. Nesse momento, ficarão totalmente cientes dele e verão de que forma e com relação a que aspectos da vida interior ele se aplica. Vejam como se desprezam por não serem perfeitos, como não aceitam e não gostam de si mesmos por abrigarem insuspeitadas tendências negativas. Em vez de procurarem escamotear essas emoções, aprendam a aceitar a si mesmos apesar delas. Aprendam a ver o valor real que têm apesar da existência de tendências destrutivas. O caminho precisa ser esse. É o único caminho. A tentativa de suprimir por um golpe de mágica o que ainda existe em vocês tem como resultado a repressão e consequentemente uma falsa autoimagem. O resultado de tomar regras prontas de fora não é apenas ilusão, mas também o afastamento do eu real. Esse estado doentio produz a atitude moralizante com toda a rigidez que a acompanha.

Essas normas e regulamentos no lugar do eu verdadeiro, nem sempre são genéricas. Variam de acordo com a personalidade, a formação, os ensinamentos recebidos na infância, as circunstâncias e o temperamento. Deixando de lado a ética geral, o que uma pessoa acha errado e proibido, outra pessoa pode não achar.

Essa estrutura na realidade, toma o lugar do eu. Assim, confiam nas regras e não em si mesmos. Essa é uma segurança muito instável, pois muitas vezes essas regras podem não se aplicar a determinadas situações reais. Muitas vezes terão que procurar às apalpadelas, confrontados com a situação de não saber o que é certo. No entanto, se não conseguirem se aceitar como seres humanos, falíveis e muitas vezes confusos, essa ocorrência inevitável tem a capacidade de os desestabilizar completamente. Vocês atribuem a desestabilização à situação em si, quando na verdade ela deriva da atitude assumida com relação à situação. Querem sempre encontrar a solução final imediatamente. Essa urgência é determinada pela falsa ideia de que admitir que não se sabe a resposta é dar uma prova da própria falta de valor, ou simplesmente que vocês têm reações negativas, não desenvolvi-

das. Portanto, a primeira coisa a aprender nesse Caminho agora é a capacidade de aceitar não apenas a sua falibilidade, mas o fato de que muitas vezes não sabem a resposta. Se aprenderem isso e ao mesmo tempo continuarem gostando de si mesmos, suas emoções de forma gradual, mas segura, amadurecerão e as suas reações mudarão, seguindo-se uma confiança saudável em vocês mesmos, nas suas reações espontâneas naturais. Serão mais tolerantes consigo mesmo e não precisarão mais da perfeição como a única base do respeito.

Se for difícil deixar para trás a superestrutura de regras fixas, é unicamente porque não conseguem aceitar a falibilidade humana. De propósito, me absterei de mostrar como a pessoa saudável, madura e flexível lida com suas confusões e com seu desejo de fazer o que é certo. Isso geraria apenas uma ação interior vigorosa e falsa de sua parte, em vez de primeiramente, aprenderem a aceitar a imperfeição sem perder a fé em tudo que são. Depois que estiverem um pouco mais adiantados no Caminho, darei outras pistas para ajudar. Por enquanto, a maioria fica muito infeliz sempre que uma questão é confusa e as regras e regulamentos conhecidos não podem ser aplicados a uma situação que os incomoda. Primeiro é preciso descobrir o que incomoda mais. Em si mesma, esta não é uma situação tão desagradável; é o papel que desempenham nela – ficando aquém do ideal do eu que exige que sempre tenham reações perfeitas e saibam instantaneamente todas as respostas. Quando isso se revela impossível por trás da amargura e da autopiedade, não se perdoam pela imperfeição. Vocês passam a moralizar. Descobrem que são “maus”, “errados”, mesmo que talvez não deixem essas opiniões atingirem a mente consciente.

Esse assunto requer trabalho intensivo. Alguns já começaram a descobrir certos aspectos dele. Com outros, a questão evoluiu naturalmente e houve um avanço. Alguns ainda não avançaram tanto, mas alguns insights levarão ao progresso. Portanto, fiquem atentos para essa questão. Descubram em que área não se perdoam e moralizam por ficarem aquém da perfeição. Descubram em que situações e de que forma vocês se norteiam por regras fixas e preconcebidas, em vez de se guiarem pela convicção interior, que resulta de uma investigação cabal da situação e do papel que exercem nela. Talvez no caso de alguns os primeiros passos sejam apenas tomar ciência da rigidez e intolerância internas consigo mesmos e com os outros. Desse ponto em diante, a estrada leva a uma compreensão maior a esse respeito. Nunca é demais repetir que muitos estados de depressão e desespero derivam de expectativas pessoais impossíveis de atingir.

O segundo estado que gostaria de discutir é a questão das reações desproporcionais, dos exageros. Sobre isso também já falamos um pouco em outras ocasiões. Eu mencionei, por exemplo, a frequência com que dramatizam as situações em que estão envolvidos. Mas anteriormente essa reação se aplicava mais a manifestações externas crassas desse aspecto demonstradas principalmente por algumas estruturas de personalidade. Mas esse aspecto também está presente naqueles que, externamente dramatizam pouco suas próprias situações. Em outras palavras, o aspecto pode não ser visível. No entanto, em algum plano da reação emocional ele sempre existe. Quando avançarem e aprenderem a deixar as emoções virem à superfície com consciência para então determinarem seu significado e importância não encontrarão apenas sentimentos negativos dos quais não tinham consciência, não apenas essa atitude moralizante, mas também descobrirão como sentem determinados acontecimentos, suas reações e as reações dos outros de forma muito desproporcional ao seu valor real. Aqui também alguns já descobriram como resultado do trabalho feito, que essas reações emocionais exageradas existem. Vocês começaram a perceber, pelo menos até certo ponto e em casos isolados como certas reações são demasiadamente fortes em relação à realidade. Isso não se aplica somente aos episódios negativos, mas também aos positivos ou favoráveis.

Isso também se baseia na ideia infantil do mundo como algo totalmente bom e feliz ou totalmente mau e infeliz. Ainda não perceberam até que ponto essa atitude existe em todos, mesmo naqueles que já fizeram algumas descobertas nesse sentido. Essa atitude de ou/ou é a base da perturbação emocional, da imaturidade, da má saúde como tal mas, esta dá ensejo em especial à atitude moralizante bem como às reações emocionais desproporcionais. (Observem que consciente e externamente isso não precisa ser visível.)

Por exemplo, um pequeno elogio em si mesmo não importante, pode salvar o seu dia. Uma aprovação casual pode mudar totalmente o seu estado de espírito. Da mesma forma, qualquer pequena crítica ou desaprovação pode estragar por completo o seu humor. Pode lançá-los na depressão e no mau humor. No primeiro caso há um aumento desproporcional da autoconfiança; no segundo caso, esta cai. Há muitos outros exemplos, mas precisarão descobrir essas reações à medida que prosseguirem, aprendendo a tirar do esconderijo as reações emocionais. Em qualquer caso, vocês sobem e caem devido a um único aspecto – seja ou não verdadeiro – referente ao que outra pessoa pensa ou sente a seu respeito. No primeiro caso, do ponto de vista emocional vocês se percebem como maravilhosos, bons, perfeitos, dignos de amor, sem defeitos. No segundo caso, uma pequena crítica faz com que vocês absolutamente não se sintam bons, pelo menos aos olhos da outra pessoa. Isso é muito difícil de detectar, porque intelectualmente sabem muito bem que tudo isso é absurdo, que sempre que essas reações aparecem se furtam de avaliá-las integralmente. Vocês atribuem essas reações fortes a outros fatores que são no máximo parcialmente responsáveis, ou simplesmente ignoram o que os fez reagir dessa forma. Vocês agem com presteza visando reprimir e deslocar a verdadeira origem dos sentimentos, e dessa forma se afastam da realidade. Deixam de ver a si mesmos em relação ao mundo circundante e à luz da verdade.

A ligação entre reações emocionais desproporcionais e atitude moralizante consigo mesmo é bem evidente. As duas posturas baseiam-se na atitude ou/ou – bem como em rígidos padrões e exigências e na não aceitação de si mesmos como seres apenas humanos. Assim, a aprovação e os elogios fazem parecer que vocês estão à altura das expectativas que têm de si mesmos. Naquele momento o mundo é bom, certo e bonito. Nessas atitudes infantis ou/ou, a questão está resolvida, é definitivo, até a próxima decepção. E como o mundo é bom e bonito, vocês podem ser o que pensam que deveriam ser. Por outro lado, a desaprovação, a crítica ou o defeito também, são definitivos. Agora, o mundo é negro e mau. Vocês são incapazes e impedidos de estar à altura do que pensam que deveriam ser. Uma única falha distorce toda a visão e agora são totalmente maus, incorrigíveis e por conseguinte, sentem-se aniquilados. São incapazes de aceitar a crítica de forma construtiva. Sim, vocês podem fazer os gestos externos e assumir uma aparência, que é negada pelas reações interiores.

Muitas vezes se diz que um dos sinais da maturidade é a capacidade de aceitar a crítica e a frustração de modo descontraído e construtivo. Eu já disse isso muitas vezes. A pessoa madura é capaz de agir assim porque está na realidade. Ela não espera o impossível de si mesma, portanto, aceita-se como um ser humano respeitável e de quem se pode gostar, sem ser perfeito. Portanto, ela sabe que a crítica não a torna totalmente má e totalmente errada.

O trabalho do Caminho exige agora a percepção do que vocês realmente sentem, revelando suas verdadeiras emoções e reações. Sem isso, jamais conseguirão encontrar os aspectos que impe-

dem o verdadeiro crescimento. Este exige que deixem de lado a máscara exterior da aparência e reúnam a coragem de admitir e assumir essas reações infantis. Quanto mais se agarrarem aos ideais perfeccionistas, menos dispostos estarão a abrir mão deles e mais resistirão à demonstração das próprias emoções, quando seria construtivo agir assim.

Também nesse caso o procedimento é simples: deixar essas emoções aflorar, sem tentar mudá-las – vocês não podem mudá-las. Basta reconhecer que elas existem em vocês. Enquanto isso, aprendam a aceitar a si mesmos com elas. Isso contribuirá mais para o autêntico respeito por si mesmo do que todos os esforços vigorosos e não autênticos para atingir uma perfeição que simplesmente é impossível de atingir através do crescimento. O simples fato de observar repetidamente as reações infantis fará diminuir a força dessas reações. Vocês passarão a ser capazes de observar essas emoções sem desprezo por si mesmos, e, portanto sem repressão e sem automoralização. A desconfiança persistente, na maioria das vezes totalmente inconsciente, de que vocês são incapazes de ser o que acreditam que de fato deveriam ser, irá desaparecer, porque vocês começarão a aceitar a si mesmos. Nem é preciso dizer que essa desconfiança tem fundamento, mas vocês não aceitam o impossível. Lutam contra ele. À medida que essa desconfiança e a raiva de si mesmos diminuir, vocês começarão automaticamente a construir em solo verdadeiro e firme, naquilo que é viável. Portanto, a autoconfiança crescerá proporcionalmente à aceitação de si mesmos. Vocês irão basear a opinião sobre si mesmos – muitas vezes inconsciente – sobre o que é realizável, possível e viável. Assim, estarão seguros. Do jeito antigo, vocês baseavam o respeito e o amor próprios em padrões que são irrealizáveis, impossíveis e inviáveis. Assim, vocês estão inseguros. Só podem estar seguros se a expectativa estiver de acordo com o que é viável.

Em outras palavras, quando forem criticados ou sua vontade for frustrada por causa de suas falhas ou dos outros, poderão aceitar o fato de forma descontraída. Sabem que esse único aspecto não coloca em risco o eu como um todo, que na verdade trata-se apenas de um aspecto seu ou da sua vida. Começarão então a confiar em si mesmos, a saber que são capazes de aceitar esse fato com flexibilidade e a aprender com a experiência. Isso não os deixará arrasados, mas lhes dará nova percepção, compreensão de si mesmos e dos outros. Portanto, não temerão a crítica, a frustração ou a falha como uma praga contra a qual precisam se proteger constantemente e armar todas as suas defesas. Essas defesas são destrutivas como bem sabem. Sem elas, a alma ficará aberta e descontraída, proporcionando-lhes sempre a percepção e a experiência interior da realidade. Depois de assentado esse alicerce, o resultado inevitável é a autoconfiança e o respeito próprio real e seguro, e não seu oposto. Os padrões rígidos de perfeccionismo resultam na proibição de cometer erros, receber críticas, falhar. Tudo isso indica a falibilidade que não querem aceitar. Alguma coisa bem no fundo sabe perfeitamente bem que vocês não são perfeitos, portanto, estão fadados a cometer erros ocasionais, receber críticas e ver seus desejos frustrados. Se negarem esse conhecimento interior negam a verdade, e tentam assentar a vida sobre alicerces falsos. Se aceitarem, não aceitam apenas a verdade, mas baseiam a vida naquilo que pode dar-lhes segurança real. Ao reagir corretamente à sua própria condição humana, com todas as suas falhas, constroem sobre a rocha. Ao negá-la constroem sobre a areia. Nessas alternativas baseia-se a questão da segurança e da autoconfiança.

Observar essas reações emocionais significa observar a sua imaturidade. A simples capacidade de agir assim aumentará proporcionalmente a maturidade. E agora chegamos ao terceiro estado que encontrarão ao observarem suas emoções. Trata-se das necessidades. Isso também já foi discutido, até certo ponto, em outras ocasiões. Mas com as mostras do progresso feito para atingir níveis mais profundos de autoconhecimento, posso lhes dar um pouco mais de material sobre esse tema e mos-

trar mais algumas ligações entre os vários aspectos que no passado, só podiam ser discutidos como tendências não associadas, pois faltava o conhecimento interior.

Em primeiro lugar faremos uma breve recapitulação e entenderemos o que constitui uma necessidade. Uma necessidade pode ser algo efetivo e real e pode ser algo muito imaginário e irreal. Darei o exemplo de uma necessidade real no plano físico. Se ficarem sem comer durante algum tempo, definitivamente terão necessidade de alimento. Caso contrário não poderão sobreviver. Portanto, essa é uma necessidade real. Da mesma forma podem ter uma necessidade irreal de alimento. Se o corpo já recebeu todo o valor alimentício necessário para manter a saúde, mas persiste uma enorme vontade de comer algo não essencial é uma necessidade irreal. Embora essa necessidade irreal se manifeste no plano físico decorre de uma perturbação emocional e/ou espiritual ou de má administração.

No plano emocional também existem necessidades reais e irreais. O mesmo se aplica à esfera espiritual da personalidade humana. Se uma necessidade real for desconsiderada em função da desorganização e má administração interior da personalidade humana como um todo, aparecerá em algum lugar uma necessidade irreal. As necessidades irreais sempre assumem a forma de compulsividade e desejo forte. A má administração nesse caso, tornará a pessoa impotente e dependente dos outros para satisfazer suas necessidades.

A diferença entre a criança e o adulto é que a criança é efetivamente dependente para satisfazer todas as suas necessidades. É incapaz de sozinha, suprir suas necessidades. A pessoa verdadeiramente madura pode fazê-lo. Com uma pessoa madura, se uma necessidade emocional fica insatisfeita, não significa necessariamente que tal necessidade seja irreal. Pode ser uma necessidade real. Mas alguma coisa dentro dela deve ter tornado impossível a satisfação da necessidade. Todo o mundo é dotado de capacidades necessárias para satisfazer todas as suas necessidades em todos os planos. Se a personalidade não funciona de modo saudável algumas dessas capacidades ficam paralisadas ou são dirigidas para canais errados.

Como a natureza emocional do homem é predominantemente subdesenvolvida, é lógico que também predomine a insatisfação emocional. Mas esse subdesenvolvimento emocional também pode resultar em manifestações em outros planos, de modo que necessidades físicas ou espirituais podem ter origem em distúrbios emocionais. A não tentativa de satisfazer as necessidades reais faz surgir necessidades ilusórias ou imaginárias. Estas devem ser encaradas como um sintoma de uma necessidade real insatisfeita.

De imediato, poderiam dizer que uma necessidade desmedida de aprovação é por si mesma, irreal. Não precisa ser assim. Até certo ponto, todo ser humano precisa de aprovação ocasional, digamos, na forma de incentivo. Quando existe uma necessidade de aprovação desmedida e portanto irreal muitas vezes é porque a pessoa, sem querer, privou-se da necessidade real de aprovação, incentivo e sucesso. Mas em vez de voltar-se contra o mundo por não lhe fornecer esses elementos, a pessoa em crescimento procurará descobrir como e de que forma, através de que conclusões e padrões errôneos ela própria se privou do que era uma necessidade legítima.

O primeiro passo como sempre é tomar consciência das suas necessidades. O Caminho, trazendo à tona as emoções os ajudará a tomarem consciência. Depois de sentirem brevemente o vazio de uma necessidade insatisfeita e conseguirem identificá-la poderão se propor a entender por que

negaram a si mesmos o que era uma necessidade real. Vocês precisam aceitar o fato de que a percepção das necessidades, reais e irreais, não significará sua imediata satisfação. Primeiro é preciso aprender a conviver com a frustração de uma necessidade insatisfeita. Verão que isso é possível e que podem mesmo assim ser muito felizes e se respeitar. Com a capacidade de aceitar a frustração com uma atitude amadurecida, a frustração não é um abismo. Somente com essa atitude poderão encontrar as razões e a forma pela qual provocaram essa insatisfação. É um caminho vagaroso. Se enveredarem por ele com a noção, talvez não verbalizada, de que é preciso ocorrer uma mudança imediata na sua vida será impossível descobrir o que precisam saber sobre si mesmos.

Ao avançarem nesse caminho ficarão cientes das necessidades como tais. Aprenderão então, a diferenciar as necessidades reais das irreais e descobrirão que é possível resistir às necessidades reais, enquanto as falsas exibem uma força exagerada e compulsiva. Muitas vezes vocês as reprimem porque são tão fortes que ao serem negadas dão a sensação de morte.

Agora descobriremos o elo entre os dois aspectos discutidos anteriormente e as necessidades insatisfeitas. Para começar podem ver que os três estados têm um denominador comum, a atitude infantil ou/ou. É impossível suportar a frustração – uma necessidade insatisfeita – quando ela é considerada um estado permanente; parece que jamais será possível vivenciar alguma coisa boa e favorável. Em relação a qualquer situação transitória, a criança acha que “é assim para sempre”. As suas emoções infantis, contrárias à mente continuam seguindo essa forma. Exageram sua importância. Deixam-se tomar pela falta transitória e emocionalmente desconsideram tudo o mais. Por outro lado, a insatisfação indica a imperfeição, a vulnerabilidade como ser humano. Os padrões de perfeccionismo não permitem que isso aconteça ou até que seja admitido. Quanto mais vocês afundam nesse desvio emocional, mais reprimem as necessidades reais, a percepção da insatisfação e a busca construtiva que decorre dela. Portanto, a insatisfação aumenta, se regenera e se torna mais aguda.

Vamos usar o seguinte exemplo: na medida em que são incapazes de dar amor e afeto maduros, vocês sentem necessidade de receber amor e afeto. Ou se a necessidade de aprovação é desmedidamente forte é proporcional à desaprovação de si mesmos. E porque se desaprovam, falamos das razões da desaprovação quando discutimos os padrões rígidos que acham que deveriam atingir e como não conseguem passam a se moralizar.

É muito importante tomar ciência das próprias necessidades. Vocês não conseguirão isso através do intelecto. Só poderão fazê-lo desde que se permitam sentir. Quando aprenderem a fazer isso ficarão espantados ao descobrir as necessidades que têm. Poderão então, avaliar o que provocou essa insatisfação. Quanto mais aumentar a verdadeira compreensão e esclarecimento a esse respeito, menos agudas ficarão as necessidades irreais e mais serão capazes de satisfazer as necessidades reais. Não é preciso dizer que isso diminui a dependência em relação aos outros. Ao mesmo tempo, a autoconfiança aumenta proporcionalmente.

Vocês terão confiança na sua própria força e engenhosidade para lidar com as dificuldades. Mas tudo isso exige como base sua aceitação de como são. É evidente que essa entrada em um círculo benigno fará com que as emoções negativas, tais como autopiedade, desesperança, hostilidade, culpa, ressentimento etc., fatalmente diminuam, até finalmente desaparecerem.

Esses três aspectos, meus amigos, precisam ser encontrados e vivenciados através dos sentimentos. Vocês devem sentir a profundidade, a amplitude e a importância de tão longo alcance dessas

emoções. Nesse momento e somente então, entrarão no círculo benigno – depois de terem rompido o círculo vicioso.

PERGUNTA: Com relação à moralização, o que você chamaria de retidão ?

RESPOSTA: Depende do contexto em que a palavra é usada. É uma questão de interpretação. Essa palavra é muito usada, por exemplo, nas Escrituras em relação a quem faz o bem e é bom, quem age corretamente. No entanto, nos últimos tempos essa palavra assumiu um significado diferente para muitas pessoas. Quando a usam, pensam no indivíduo que se acha o dono da verdade, moralizante no sentido que falei. Na verdade, isso sem dúvida vem do fato de que a retidão é muitas vezes a certeza de estar correto, devido à atitude errada que examinamos em detalhes esta noite. É só uma forma diferente de dizer que a falsa bondade, a bondade não autêntica gera a atitude moralizante contra a qual muita gente se insurge. A bondade autêntica que decorre do verdadeiro crescimento, jamais teria esse efeito sobre os outros.

PERGUNTA: E as pessoas que não agem de acordo com a moralidade, mas se guiam pelas emoções sem reconhecer as leis da ética?

RESPOSTA: Eu já esperava essa pergunta. Em primeiro lugar, vamos estabelecer uma diferença entre moral e moralização. Não é a mesma coisa. Em segundo lugar, nunca sustentei que as pessoas deveriam manifestar através de atos e condutas os ditames de seus impulsos destrutivos. Uma coisa é ser descaradamente, implacavelmente destrutivo, outra coisa é querer ser santo; exigir que sejam seres sobre-humanos; não aceitar o seu lado não desenvolvido. Aceitar não significa aprovar, nem manifestar na prática. Aceitar significa simplesmente que sabem que esses aspectos negativos continuam existindo, sem sentir raiva por não terem superado esses aspectos, sem desgostar da totalidade de si mesmos por isso. Esse desprezo por si mesmos como um todo, não o simples conhecimento de alguns lados negativos está associado à expectativa exagerada, portanto, à moralização.

Eu poderia acrescentar que são exatamente as pessoas que brandem a moralidade aos olhos do mundo – talvez por não saberem distinguir a verdadeira moralidade da moralização do dono da verdade – que são as mais atormentadas pela sensação de culpa. Pode não ser aparente podem deslocar os sentimentos de culpa através de atos ainda mais fortes de imoralidade. Entrar nessa questão em detalhes seria nos desviarmos muito do nosso assunto. Talvez a essa altura a melhor forma de resumir a questão seja dizer que a imoralidade verdadeira ainda existente, que vocês não estão dispostos a enfrentar, faz com que moralizem consigo mesmos e com os outros.

Para vocês é muito difícil julgar o estado mental e as emoções de outra pessoa a esse respeito. Vocês não podem enxergá-los. Mas quanto mais desenvolvida estiver a sua intuição e percepção, em decorrência da libertação das obstruções, mais irão sentir. Mas isso não pode acontecer julgando com conhecimento, porque nunca terão informações suficientes sobre essas coisas. Vocês sentem um certo alívio e falta de ansiedade com relação aos erros seus e dos outros.

Ao desenvolverem esse aspecto em si mesmos, perceberão intuitivamente em que ponto estão os outros. Finalmente chegarão ao ponto em que a moralidade real estará viva e flexível dentro de vocês, que poderão então, abrir mão da prática da moralização falsa e rígida. Quem quer que tenha achado que minha palestra continha a mensagem da eliminação dos códigos morais ainda não en-

tendeu o sentido. Quando existe saúde e maturidade esses códigos existentes passam a ser de vocês. Quando os obedecem cegamente, enganando a si mesmos, vocês tiram o espírito desses códigos, fazendo deles uma coisa sem vida e falsa. Você está me entendendo?

PERGUNTA: Não, eu não estou. Parece-me que você usou na palestra, antes de surgir essa pergunta, a palavra “moralização”. Agora, você usou moralidade. Também parece que o que você denominou “moralização” agora tinha uma conotação diferente do que chamou anteriormente de “moralização”, ou ser dono da verdade, e assim por diante. Não vejo, não entendo onde está a ligação com o que disse agora em resposta à pergunta. Como posso saber se alguma coisa é certa e errada se não a comparar com outra coisa, como por exemplo o Sermão da Montanha, a Regra de Ouro? Essa regra é rígida demais?

RESPOSTA: Em primeiro lugar, eu distingi na resposta à pergunta a moralidade viva e moralização sem vida. Além disso, afirmei explicitamente que toda a verdade do que é bom e certo, que foi trazido à humanidade pelas grandes figuras da história, continua sendo verdadeiro. Se é autêntica ou falsa, depende do estado de ser interior do homem, de suas emoções e sua mente. O simples fato de uma pessoa viver de acordo com essas grandes verdades não indica nem falsa moralização nem moralidade verdadeira, baseado no crescimento interior que é baseado no eu real. As motivações e forças emocionais em operação indicam isso. Em muitas palavras de Jesus, como também de outros grandes mestres, encontram-se indicações e palavras que corroboram a palestra desta noite. Eles usaram sua terminologia própria, compatível com sua época, mas o significado básico continua sendo o mesmo.

Grande parte da sua pergunta já foi respondida pelo que foi dito anteriormente e quando você a estudar com tranquilidade verá que é assim. Não quero me repetir demais agora. Repetirei apenas isso: quanto mais precisarem de regras existentes, maior é a indicação de que não confiam em si mesmos. Porque toda a verdade jamais proclamada e ensinada exteriormente vive em vocês. Quem não ousar se aprofundar o suficiente no seu eu real jamais chegará àquela região onde se descobre a verdade por si mesmo, tornando-a assim uma realidade viva. Nesse caso, a pessoa ficará dependente do cumprimento das regras exteriores. Não importa o quanto essas regras sejam, por si mesmas, verdadeiras e belas, não estarão vivas nem serão verdadeiras dentro de vocês. Por insegurança, por medo e rejeição do que ainda é, o homem toma emprestado aquilo que um dia foi vivo e pode adquirir vida de novo para ele. Ele só precisa ter coragem de tornar-se ele mesmo, de abandonar a estrutura rígida daquilo que pode e deve estar vivo em seu íntimo. Está entendendo o que digo?

PERGUNTA: Às vezes sim, às vezes não. Por exemplo, se eu roubar maçãs, como posso saber que roubo se não tenho meios de comparar esse ato com outro ato de não roubar?

RESPOSTA: Meu querido filho, se você jamais tivesse ouvido dizer na vida que roubar é errado, mesmo assim saberia como pessoa adulta que é, que quando tira algo que pertence a outra pessoa, isso é injusto para essa pessoa. Até um ser humano que não está em um caminho de autodesenvolvimento e crescimento saberia disso, se fizesse uma introspecção e se questionasse sobre seus atos e como eles afetam os outros. Pensar em si mesmo em relação aos outros fatalmente leva ao conhecimento do que é certo e errado. É exatamente isso que estou tentando dizer – a percepção e o pensar nos outros, refletir sobre causa e efeito sempre resulta no conhecimento do que é certo e verdadeiro.

PERGUNTA: Mas sobre a moralização, você disse que tudo é rigidez.

RESPOSTA: Aqui está havendo um grande mal-entendido. Agora parece que você acredita que eu quis dizer que todo ato moral é moralizante e rígido. Eu só sugeri que descobrissem como esses aspectos existem em vocês. Agora você acredita que deveria abster-se de praticar atos corretos. Não é isso. O que você deve fazer é descobrir onde ainda existem em você expectativas sobre-humanas, padrões que o ser emocional realmente não consegue cumprir e a não aceitação de si mesmo como um todo devido à sua desaprovação dessas tendências. Isso é moralização. Além do mais, essa moralização raramente se aplica a questões crassas, mas apenas a sutilezas do inter-relacionamento humano, onde as questões não podem ser avaliadas em termos de bom ou mau. A moralização também se manifesta quando emocionalmente, tudo é vivenciado em termos de ou bom ou mau, ou certo ou errado.

O fato de desaprovarem os instintos sociais ou imorais que ainda abrigam induz a negar que eles existam dentro de vocês. Essa negação leva à moralização. A confusão existe porque acham que percebê-los deveria significar colocá-los em prática. Também existe porque acham que o fato de desaprová-los significa desaprovar a si mesmos como um todo. Pois bem, é possível que vocês não estejam cientes desse fenômeno que no entanto acontece com todos. A necessidade aguda de não ter nenhuma imperfeição, nenhum instinto imoral, faz com que escondam a existência deles. Vocês acham que “eu não deveria sentir isso” e sempre que essa noção se infiltra na consciência, não se perdoam. Vocês se odeiam e se punem. Tudo isso pode ser inconsciente em um grau considerável, mas não significa que não seja assim. Vocês devem encontrar esse estado exatamente assim e isso não significa abandonar todos os padrões morais pelos quais se norteiam. No fim, viverão de acordo com esses padrões morais porém em virtude de novas motivações, desejos e razões. E isso terá um efeito totalmente diferente sobre vocês e sobre os outros. Criará uma atmosfera diferente, por assim dizer.

O seu modo de encarar esse assunto levou toda a questão para um campo diferente, a esfera do agir. Eu não estava falando de ação. Quando se trata de sentimentos, de atitude emocional para consigo mesmo, o pré-requisito da verdade interior, portanto, do verdadeiro respeito por si mesmo, a base só pode ser a verdade. Ora, a verdade é que vocês ainda não são tão perfeitos quanto gostariam. Se não conseguirem se aceitar como são, apesar dos instintos que desaprovam, não poderão superá-los. Esta é a verdadeira natureza da última palestra. Eu poderia sintetizar o processo interior da seguinte forma: “Se eu tenho instintos destrutivos, sou horrível e não posso gostar de mim nem me respeitar. Como isso é um fato doloroso demais, preciso me cegar à sua existência na esperança de que ao desviar o olhar, o fato deixe de ser verdadeiro.” Agora você está entendendo melhor?

PERGUNTA: Estou. Mas continuo sem entender onde entra a moralização.

RESPOSTA: Quando alguém julga o todo por uma única parte ocorre a moralização. Quando o todo se torna “negro” devido a tendências “negras” parciais, ou então “branco” pelo mesmo motivo está havendo moralização. Quando as questões são vivenciadas em termos de bom ou mau ocorre moralização. Existe muita margem, muita coisa mais que nada tem a ver com preto ou branco.

Deixem outras perguntas para a próxima ocasião. Ultimamente já dei muito material a vocês. Se com esse material tiverem questões suficientes para discutir e se quiserem, farei com muito prazer uma sessão de perguntas e respostas da próxima vez.

Sejam abençoados em corpo, alma e espírito. Que a força renovada recebida por vocês, graças principalmente ao seu esforço, permita que conheçam, aceitem e gostem de si mesmos. Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.